



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

TRADUÇÃO: UM ESTUDO PELO VIÉS DA DÍVIDA E DA TRANSFORMAÇÃO

Aline Maria dos Santos – UESC
allinemaria@hotmail.com

Daiane Gomes Amorim – UESC
daianepajarita@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo discute a temática tradução sob as perspectivas da dívida e da transformação. Essa discussão remete-nos a (re) pensar noções de cópia, mimeses, transformação, autoria, sentido e dívida. A forma de conceber tais noções está atrelada ao conceito que se tem de língua. Nessa perspectiva, discutiremos a concepção desta para o Estruturalismo, para o Funcionalismo e para a Linguística Aplicada, observando como tais concepções influenciam no conceito que se tem de tradução. Para realizar essa investigação, utilizamos estudos de Derrida (2006), Ferreira (2006), Benjamin (2008), Signorini (2006) e Weedwood (2002). O pressuposto que defendemos é que não há um texto original, um sentido transcendental e fixo, pois, a partir das concepções de língua como heterogênea, mutável, inerente ao sujeito, a tradução, por sua vez, só pode ser discutida no âmbito da diferença, da dívida mútua, da sua característica intrínseca à transformação.

Palavras-chave: Língua. Tradução. Transformação.

Introdução

Para discutirmos a temática tradução sob as perspectivas da dívida e da transformação, é necessário repensarmos as noções de cópia, mimeses, transformação, autoria, sentido e dívida, uma vez que a forma de conceber tais noções está atrelada ao conceito que se tem de língua.

Sendo assim, neste trabalho discutiremos as concepções de língua que permeiam os estudos da linguagem, observando como tais concepções influenciam no conceito que se tem de tradução. Para tanto, assumimos que a língua é concebida como heterogênea, múltipla, necessitando em seu próprio interior da tradução.

Vale ressaltar que a teoria tradicional da tradução tem como princípio norteador a cópia e através da mimese visa reproduzir o “original”, transmitir exatamente o sentido “primeiro”. No entanto, a tradução como mimeses, nesse panorama,

desconsidera o caráter heterogêneo da língua e sua característica própria da transformação. A essa visão de tradução, Benjamin (2008) atribui duas características das más traduções: 1) aquelas que assumem o papel de intermediário visando comunicar através de outro texto, pois defende que, nesse contexto, a tradução realiza uma mera comunicação; 2) acarretada pela primeira característica, no processo de tradução ocorre a transmissão deficiente de um conteúdo não-essencial, pois a tradução limita-se ao texto primeiro, ficando na superficialidade.

Dessa forma, acreditamos que as discussões suscitadas possibilitarão questionamentos, reflexões, construção e desconstrução de visões cristalizadas, ampliando assim os conhecimentos sobre a língua e, conseqüentemente, sobre a tradução.

1 Tradução na perspectiva da tradição linguística

A tradição dos estudos linguísticos praticados até a metade do século XX concebeu a língua como um sistema abstrato de signos constituído de regras, sendo Ferdinand de Saussure o maior expoente desta concepção. Para ele, a linguagem é constituída de duas faces que se correspondem: uma social (a língua) e uma individual (a fala). Com base nessa dicotomia, assume-se que o contexto de realização e outras variáveis relacionadas aos falantes são externos à língua e, portanto, não devem ser considerados pelo estudo proposto nesta perspectiva. Vale salientar que o caráter social da língua para Saussure deve ser entendido apenas como uma espécie de convenção social, já que os signos lingüísticos, segundo ele, são arbitrários.

Em meio às diversas dificuldades cogitadas à realização do estudo da linguagem em sua totalidade, Saussure apresenta como solução considerar a língua como norma de todas as outras manifestações da linguagem. Para ele, a língua “é um todo por si”, é um “produto social”, e não se confunde com a linguagem; é, antes, uma parte essencial dela. Eis aí a definição do objeto de estudo da Lingüística: a língua.

Ao trabalhar com a equação linguagem – fala = língua (leia-se linguagem menos fala é igual à língua), Saussure cria a dicotomia sujeito/objeto, focalizando seu estudo apenas no objeto denominado língua. Ao subtrair a língua da linguagem, Saussure abre a possibilidade de se pensar a língua excetuando o sujeito. Para ele, a língua é um sistema de signos, os quais são constituídos de duas faces psíquicas: significado (conceito) e significante (imagem acústica), sendo que

o signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. [...] Esses dois elementos estão intimamente ligados e um reclama o outro . [...] estes dois termos têm a vantagem de assimilar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (SAUSSURE, 2006, p. 80-81)

Se, de fato, a língua fosse um construto homogêneo, que permitisse a correlação estável de um para um entre significante/significado, como defende Saussure, não haveria problema para a realização da tradução. Todavia, ao refletir sobre a tradução, Jakobson (1972, p. 66) afirmou que “a prática e a teoria da tradução abundam em problemas complexos, de quando em quando, fazem-se tentativas de cortar o nó górdio, proclamando o dogma da impossibilidade da tradução” e acrescentou que, dentro da prática de comunicação interlingual, a ciência linguística deve considerar as atividades de tradução como “objeto de atenção constante”.

As observações de Jakobson acerca da tradução interlingual¹ (tradução propriamente dita) foram extremamente relevantes às reflexões sobre teoria e prática da tradução, uma vez que enfatizaram a dificuldade de se considerar a “perfeita oposição entre significado e significante”, postulada anteriormente por Saussure.

Retomando o raciocínio de Jakobson, no que diz respeito à correlação significante – significado, estabelecida por Saussure, Ottoni (2005, p. 28) afirma que

[...] a tradução, partindo dos pressupostos teóricos da lingüística sincrônica, é possível. A tradução é impossível se for encarada, partindo desses mesmos pressupostos, na prática, na qual intervêm, inevitavelmente, características individuais que contrariam a perfeita oposição entre significado e significante.

A partir daí, vemos a discussão girar em torno da possibilidade/impossibilidade da tradução.

A tradição dos estudos linguísticos estabelece a diferenciação entre línguas, criando a dicotomia língua materna/língua estrangeira de modo que nas instituições de ensino pouco se questiona acerca dos limites existentes entre ambas. Ao ser submetido ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o aluno, muitas vezes, é induzido a conceber sua língua materna como única, “pura”, tanto quanto a língua estrangeira que deseja aprender. O ensino faz com que o aprendiz tome a língua como um código pronto, estático, passível de ser “decodificado” ou “transposto” para outra língua a partir do processo denominado tradução.

Nesta relação de “decodificação” assinalada pela tradição, há uma hierarquia que talvez pudesse ser representada por uma pirâmide, em que o ápice simbolizaria o texto original enquanto a base simbolizaria as possibilidades de tradução. Quanto mais “fiel” ao original, mais próxima a tradução estará do ápice. Dentro desta concepção, o que vale é o ideal de fidelidade ao “sentido” original, uma vez que este é o objetivo a ser alcançado pelo tradutor e condição *sine qua non* para tradução dita de boa qualidade. Marcadamente, percebe-se, nesta concepção, a superioridade do original em relação à tradução (cópia). O original seria aquele que contém um sentido único, verdadeiro, que deve ser apreendido pela tradução.

2 Linguística Aplicada e o conceito de língua

Na tentativa de ir mais além do que propunha a tradição, a Linguística Aplicada (doravante LA) cujo objeto de pesquisa é, segundo Signorini (1998, p. 101), “o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos”, trabalha com um conceito de língua relacionado à prática comunicativa, ou seja, a língua em uso. Aqui, a língua é entendida como comunicação verbal abrangendo, portanto, fenômenos mentais, sociais e culturais.

Dado o caráter heterogêneo dos aspectos sociais e culturais, entende-se que o conceito de língua com o qual se compromete a LA está intimamente relacionado à heterogeneidade, de modo que, sendo a sociedade heterogênea, se admite que a língua em uso também o seja. Nas palavras de Signorini (2006, p. 186), “o linguístico assim compreendido não se esgota num conceito abstrato de língua como o produzido pelas disciplinas da linguística tradicional, nem tampouco no de competência do falante, conforme proposto por diferentes disciplinas interessadas na relação sujeito/linguagem”.

¹ Para Jakobson (1972, p. 65), “a tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”.

A partir destas reflexões, vemos que, se considerarmos a língua como sistema, cuja estrutura independe da intervenção do sujeito, teremos um problema de ordem teórico-metodológica, uma vez que para existir tradução é indispensável a presença do tradutor, que, por sua vez, possui o conhecimento de uma língua materna e, a partir desta, constrói um conhecimento sobre outra língua. Para Ottoni (2005a, p. 25),

podemos associar o aprendizado de uma língua estrangeira se confundindo, enquanto fenômeno, com a tradução, ou seja, não é possível refletir sobre a língua estrangeira sem a *fala*, a liberdade individual, a presença do sujeito, a parte que foi retirada da linguagem. Tanto a tradução como o ensino de línguas põem em funcionamento o fenômeno da linguagem na sua totalidade. [...] Devemos considerar essa totalidade como resultado da fusão entre a teoria e a prática e entre o sujeito e o objeto.

Portanto, para discutirmos a tradução torna-se indispensável trabalharmos com um conceito de língua que extrapole a noção de um sistema de regras hermético, abstrato, dissociado do contexto social. Apesar de manter a separação entre língua materna/língua estrangeira, a LA contribui para os estudos da tradução, uma vez que para ela o aspecto social é um componente da linguagem e como tal não deve ser desprezado, a ela interessa considerar o sujeito histórico e heterogêneo que ao mesmo tempo atua nas práticas discursivas e é constituído por elas.

A LA não esteve isenta de ser equivocadamente interpretada como a mera aplicação da Linguística. Todavia, as discussões traçadas nesse sentido foram importantes para promoverem novas reflexões, por parte dos pesquisadores inseridos nesta área.

Dessa forma, por investigar a linguagem enquanto prática social, a LA teve de sofrer modificações no método de análise e nas fontes teóricas, ampliando o leque de possibilidades para o estudo da linguagem na contemporaneidade. Nas palavras de Moita Lopes (2006, p. 23),

uma das questões mais cruciais da pesquisa contemporânea é considerar a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Para tal, são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem etc. no contexto de aplicação – uma dimensão que o campo da LA raramente contempla.

Sendo assim, hoje as fronteiras da LA e outras disciplinas estão cada vez menores, proporcionando discussão acerca da identidade, subjetividade, aprendizagem de deficientes auditivos, dentre outros. Além disso, como atesta Moita Lopes (2006, p. 24), os estudos contemporâneos estão voltados para a “construção de uma LA como área de pesquisa mestiça e ideológica, que precisa considerar, inclusive, os interesses a que servem os conhecimentos que produz”. Aos estudos desenvolvidos sob esta perspectiva, atribui-se a denominação Linguística Aplicada Crítica e suas implicações aos estudos da tradução devem, portanto, ser consideradas.

3 Tradução nos estudos da desconstrução

Enquanto o estruturalismo propõe um modelo de representação que concebe a relação significante/significado de maneira estanque, ou seja, a possibilidade de o

significante representar de maneira fiel o significado desejado, Derrida considera a significação como um jogo da linguagem. Para ele, a significação transcendental não existe, ou seja, a linguagem cria a realidade e não apenas se limita à tentativa frustrante de representar uma dada realidade.

Derrida questiona a relação opositiva entre significante/significado. Para ele, ao fazer a distinção entre significante e significado, Saussure abre a possibilidade de se pensar em um “significado transcendental”, ou seja, um significado em si, independente da relação com a língua, pressupondo, portanto, a existência de uma origem. Na perspectiva derridiana, há um *espaceamento* entre o significante e o significado, uma brecha que possibilita a construção da significação por meio da ausência, contrariando a concepção da tradição quanto à necessidade da presença, enquanto referenciação.

Nas palavras de Ferreira (2006, p. 2) “um aspecto importante a ressaltar, a partir da crítica derridiana, é o fato de que não existe uma independência absoluta entre significado e significante. [...] Não há um significado que seja independente do significante, independente, portanto, da língua”. Então, se a relação entre significante/significado não ocorre de maneira pura e estanque, não podemos defender a existência de uma língua homogênea, que garanta a existência do sentido único, verdadeiro.

Em decorrência disso, na desconstrução, a tradução é vista como acontecimento da linguagem, transformação, diferença. Todavia, jamais será concebida como cópia. Segundo Ottoni (2005b, p. 51), “para a dimensão desconstrutivista, a tradução é um acontecimento que deflagra a língua, está entre as línguas e faz parte das línguas. O tradutor é aquele que vai transformar e produzir significados, produzir *impurezas* na língua para a qual traduz”.

No processo de tradução, o tradutor se depara com situações em que, apesar de necessária, parece ser impossível a realização de determinada tradução. O enfrentamento do necessário e impossível (*double bind*), evidencia o transbordamento das línguas e exige a intervenção do tradutor (cf. Ottoni, 2005b, p. 52). Nas palavras de Derrida apud Ferreira (2006, p. 5),

Nunca os textos traduzidos dizem a mesma coisa que o original. Sempre ocorre algo novo. Inclusive, e sobretudo, nas boas traduções. Há transformações que correspondem, de um lado, à transmissão em um contexto cultural, político e ideológico diferente, a uma tradição diferente e que o ‘mesmo texto’ – não existe *um mesmo texto*, inclusive o original não é idêntico a si mesmo -, numa mesma cultura tenha efeitos diferentes. Por outro lado, a melhor tradução deve transformar a língua de chegada, isto é, ser ela mesma escritura inventiva, e assim transformar o texto [...].

Um aspecto importante a ressaltar, a partir do fragmento de Derrida, é que não há tradução sem transformação. Além disso, o próprio texto original não apresenta um sentido único, pois se assim fosse não poderíamos considerar a polissemia, os diversos usos, as diferentes atribuições de sentidos realizadas pelos falantes e, conseqüentemente, ao traduzir, estaríamos desconsiderando a característica heterogênea da língua.

A tarefa do tradutor, portanto, ultrapassa a mera comunicação, a função de transportar, a simples restituição de um significado primeiro, a mimese. De acordo com Derrida, a tradução permite as manifestações pessoais do tradutor; sua tarefa constitui, assim, em “re-marcas a afinidade entre as línguas”, “liberar a língua do cativo por meio da recriação”, “ampliar o escopo da língua”, construir o seu próprio texto, sem o

auxílio do dicionário, pois essa ação seria a tentativa de restituir o texto primeiro e desconsiderar o processo de escolha de palavras através de um contexto, a construção dos sentidos através dos rastros, dos traços.

Diferentemente do que defende a tradição linguística, em se tratando de tradução, Derrida (1985, p.22) afirma que “o original é o primeiro devedor, o primeiro que exige; ele começa por sentir falta e exige uma tradução”. Dessa forma, o original não existe por si e para si, uma vez que há uma relação de dívida entre textos. Assim, o original não pode ser considerado como sentido único, já que nem mesmo o autor sabe tudo sobre o texto produzido. Na escrita original, o autor não tem consciência completa do sentido, ele também está endividado e seu endividamento, na verdade, é com a língua.

Nessa perspectiva, Ferreira (2006) ressalta que onde há língua, há tradução e transformação, pois o problema da tradução é o problema da língua e no interior de uma própria língua é necessária a tradução. Os sujeitos são ativos, eles utilizam, (re) significam e modificam constantemente a língua nos diversos contextos sociais.

Por fim, já que a tradução “promete um reino de reconciliação das línguas” (DERRIDA, 1985, p. 39), caberá ao tradutor a tarefa de intervir nesse processo de tradução, deixando de ser mero transportador de significados, como apregoava a tradição, configurando-se como participante de um acontecimento que envolve a linguagem, através da mobilização de línguas.

Referências

- BENJAMIN, W. **A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português**. Trad. de Fernando Camacho. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- DERRIDA, J. Linguística e gramatologia. In: **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- DERRIDA, J. **Des Tours de Babel**. In: *Difference in Translation* (Ed. Joseph F. Graham). Cornell University Press, 1985. [Às voltas com babel] Trad. Francisco de Fátima da Silva. No prelo.
- FERREIRA, E. Tradução e Transformação em *The Devil to pay in the backlands*. In: **Vozes Olhares Silêncios**. Salvador: Editora da UFBA, 2006.
- JAKOBSON, R. Aspectos Linguísticos da Tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica interrogando o campo como lingüista aplicado. In Moita Lopes, L. P. (org.) **Linguística Aplicada (in)disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In Signorini, I. e Cavalcanti, M. (org.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, 1998.
- _____. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In Moita Lopes, L. P. (org.) **Linguística Aplicada (in)disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- OTTONI, P. O papel da linguística e a relação teoria e prática no ensino da tradução. In: **Tradução Manifesta: Double Bind e Acontecimento**. Campinas, SP: Edusp/Edunicamp, 2005a.
- OTTONI, P. Tradução recíproca e *Double bind*. In: **Tradução Manifesta: Double Bind e Acontecimento**. Campinas, SP: Edusp/Edunicamp, 2005b.

WEEDWOOD, B. **História Concisa da Linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.